
PROÊMIO SOBRE A INTERPRETAÇÃO DA NATUREZA - FRANCIS BACON*

O Proêmio sobre a interpretação da natureza é uma das muitas apresentações de seu grandioso projeto de renovação dos saberes que Francis Bacon preparou ao longo da vida e cuja versão mais elaborada, embora inconclusa, surgiu em 1620 no volume da Grande instauração. Um entre vários, esse esboço porta contudo uma singularidade notável. Como observa Spedding ao prefaciá-lo o texto na grande edição dos trabalhos de Bacon, trata-se da “única peça de autobiografia” redigida pelo filósofo; preocupação que não o ocupará em 1620, quando um discreto “de nós mesmos silenciaremos” toma o lugar da apresentação da própria vida. Não se sabe ao certo a data do escrito, mas se costuma datá-lo de 1603, por uma série de razões e conjecturas que o leitor encontrará indicadas no mencionado prefácio de Spedding.

A tradução que se segue tomou por base o texto latino (aqui retomado) fornecido em *The Works of Francis Bacon*, ed. de James Spedding, Robert Leslie Ellis e Douglas Denon Heath, Stuttgart, Friedrich Frommann, 1966, vol. III, pp. 518-520. Foi-nos extremamente útil, para confronto e o estabelecimento de parágrafos inexistentes no original, a tradução de Paolo Rossi em *Bacon, Scritti filosofici*, Turim, UTET, 2009.

* Tradução de Homero Santiago

DE INTERPRETATIONE NATURÆ PROŒMIUM

Ego cum me ad utilitates humanas natum existimarem, et curam reipublicæ inter ea esse quæ publici sunt juris et velut undam aut auram omnibus patere interpretarer; et quid hominibus maxime conducere posset quæsvi, et ad quid ipse a natura optime factus essem deliberavi. Inveni autem nil tanti esse erga genus humanum meriti, quam novarum rerum et artium, quibus hominum vita excolatur, inventionem et auctoramentum. Nam et priscis temporibus, apud homines rudes, rudium rerum inventores et monstratores consecratos fuisse, et in deorum numerum optatos, animadverti; et acta heroum, qui vel urbes condiderunt, vel legumlatores extiterunt, vel justa imperia exercuerunt, vel injustas dominationes debellarunt, locorum et temporum angustiis circumscripta esse notavi: rerum autem inventionem, licet minoris pompæ sit res, ad universalitatis et æternitatis rationem magis accomodatam esse censui. Ante omnia vero, si quis non particulare aliquod inventum, licet magnæ utilitatis, eruat, sed in natura lumen accendat, quod ortu ipso oras rerum quæ res jam inventas contingunt illustret, dein paulo post elevatum abstrusissima quæque patefaciat et in conspectum det, is mihi humani in universum imperii propagator, libertatis vindex, necessitatum expugnator visus est.

PROÊMIO SOBRE A INTERPRETAÇÃO DA NATUREZA

Eu, estimando-me nascido para a utilidade humana e interpretando o cuidado do bem público estar entre as ocupações que são de domínio público e abertas a todos, como a água e o ar, indaguei o que poderia mais convir aos homens e também deliberei sobre a que eu próprio tinha sido por natureza feito.

Descobri então que, no concernente ao gênero humano, nada é de tanto mérito quanto a descoberta¹ e o aperfeiçoamento de novas coisas e artes, pelas quais a vida dos homens é aprimorada. Pois reparei que nos tempos primitivos, entre homens rudes, descobridores e inventores de coisas rudes eram consagrados e incluídos entre os deuses; notei também que os atos dos heróis, os que ou fundaram cidades, ou foram legisladores, ou exerceram o poder com justiça, ou debelaram dominações injustas, estavam circunscritos em estreitos limites de lugares e de tempos; por outro lado, avalei que a descoberta das coisas, embora algo de menor pompa, era mais apropriada à universalidade e eternidade. E principalmente, no caso caso alguém, em vez de estabelecer uma descoberta particular, ainda que de grande utilidade, acender na natureza uma luz que pelo próprio surgir ilumine as regiões das coisas que são contíguas às coisas já descobertas e que em seguida, pouco depois de elevada, igualmente torne patentes as coisas mais remotas e as dê à vista, este me parecerá o propagador do domínio humano sobre o universo, o defensor da liberdade, o expugnador das necessidades.

Me ipsum autem ad veritatis contemplationes, quam ad alia, magis fabrefactum deprehendi; ut qui mentem et ad rerum similitudinem (quod maximum est) agnoscendam satis mobilem, et ad differentiarum subtilitates observandas satis fixam et intentam haberem; qui et quærendi desiderium, et dubitandi patientiam, et meditandi voluptatem, et asserendi cunctationem, et resipiscendi facilitatem, et disponendi sollicitudinem tenerem; quique nec novitatem affectarem, nec antiquitatem admirarer, et omnem imposturam odissem. Quare naturam meam cum veritate quandam familiaritatem et cognationem habere judicavi. Attamen cum genere et educatione rebus civilibus imbutus essem, et opinionibus aliquando, utpote adolescens, labefactarer, et patriæ me aliquid peculiare, quod non ad omnes alias partes ex æquo pertineat, debere putarem, speraremque me, si gradum aliquem honestum in republica obtinerem, majore ingenii et industriæ subsidio quæ destinaveram perfecturum; et artes civiles didici, et qua debui modestia amicis meis, qui aliquid possent, salva ingenuitate me commendavi. Accessit et illud, quod ista, qualiacunque sint, non ultra hujusce mortalis vitæ conditionem et culturam penetrant; subiit vero spes me natum religionis statu haud admodum prospero, posse, si civilia munia obirem, et aliquid ad animarum salutem boni procurare. Sed cum studium meum ambitioni deputaretur, et ætas jam consisteret, ac valetudo affecta et malæ tarditatis meæ me admoneret, et subinde reputarem me officio meo nullo modo satisfacere, cum ea per quæ ipse hominibus per me prodesse possem omitterem, et ad ea quæ ex alieno arbitrio penderent me applicarem; ab illis cogitationibus me prorsus alienavi, et in hoc opus ex priore decreto me totum recepi.

Quanto a mim mesmo, depreendi-me produzido mais para a contemplação da verdade que para outras ocupações; pois que tinha mente assaz ágil para reconhecer a semelhança das coisas (o que é o capital) e assaz firme e atenta para observar as sutilezas das diferenças; possuía desejo de indagar, paciência de duvidar, volúpia em meditar, receio em asserir, facilidade em reconsiderar, solícitude em ordenar; além do que nem me afeiçoasse à novidade nem admirasse a antiguidade, e odiasse toda impostura. Por isso julguei que minha natureza tinha certa familiaridade e consonância com a verdade.

No entanto, como por nascimento e educação fora imbuído nos assuntos civis e vez por outra (como é natural a um jovem) fosse abalado pelas opiniões, e pensasse dever à pátria algo particular, que de direito não concernia a quaisquer outros países, além do que tinha eu esperança de, se obtivesse um posto honesto no Estado, realizar com a ajuda de maior engenho e indústria aquilo que destinara; estudei as artes civis, recomendei-me, com a devida modéstia e preservada a honra, àqueles dentre meus amigos que pudessem algo. Somava-se ainda o fato de isso, seja como for, não ultrapassar a condição e a cultura desta vida mortal; veio decerto a esperança (tendo eu nascido em período não muito próspero para a religião) de também poder oferecer algo de bom para a salvação das almas, caso alcançasse um cargo público.

Porém, como meu zelo se visse desbastado por ambição, a idade já avançasse, a saúde enfraquecida me advertisse de minha má protelação, e de repente me desse conta de que eu de modo algum satisfaria ao meu dever negligenciando as ocupações pelas quais eu próprio pudesse favorecer os homens por mim mesmo e aplicando-me àquelas que dependem do arbítrio alheio, afastei-me inteiramente daqueles pensamentos e reconduzi-me todo a esta obra, conforme minha primeira decisão.

Nec mihi animum minuit, quod ejus quæ nunc in usu est doctrinæ et eruditionis, declinationem quandam et ruinam in temporum statu prospicio. Tametsi enim barbarorum incursiones non metuum (nisi forte imperium Hispanum se corroboraverit, et alios armis, se onere, oppresserit et debilitarit), tamen ex bellis civilibus (quæ mihi videntur propter mores quosdam non ita pridem introductos multas regiones peragratura), et ex sectarum malignitate, et ex compendiariis istis artificiis et cautelis quæ in eruditionis locum surrepserunt, non minor in literas et scientias procella videbatur impendere. Nec typographorum officina his malis sufficere queat. Atque ista quidem imbellis doctrina, quæ otio alitur, præmio et laude efflorescit, quæ vehementiam opinionis non sustinet, et artificiis et imposturis eluditur, iis quæ dixi impedimentis obruitur. Longe alia ratio est scientiæ, cujus dignitas utilitatibus et operibus munitur. Ac de temporum injuriis fere securus sum, de hominum vero injuriis non laboro. Si quis enim me nimis altum sapere dicat, respondeo simpliciter, in civilibus rebus esse modestiæ locum, in contemplationibus veritati. Si quis vero opera statim exigat, aio sine omni impostura, me hominem non senem valetudinarium, civilibus studiis implicatum, rem omnium obscurissimam sine duce ac luce aggressum, satis profecisse si machinam ipsam ac fabricam extruxerim, licet eam non exercuerim aut moverim. Ac eodem candore profiteor, interpretationem naturæ legitimam, in primo adscensu antequam ad gradum certum generalium perventum sit, ab omni applicatione ad opera puram ac se junctum servari debere. Quin et eos omnes qui experientiæ se undis aliqua ex parte dediderunt, cum animo parum firmi aut ostentationis

Nem me diminuiu o ânimo o fato de que, no tocante à doutrina e ao saber ora em uso, enxergue nestes tempos certo declínio e ruína. Com efeito, ainda que eu não tema incursões bárbaras (a menos que o império espanhol porventura se reforce e venha a oprimir e debilitar aos outros pelas armas e a si pelo fardo²), parecia-me contudo ser iminente nas letras e nas ciências uma tempestade não menor, em virtude das guerras civis (que a meu ver percorrerão muitas regiões devido a certos costumes introduzidos não faz muito tempo), da malignidade das seitas e desses artificios e precauções compendiosos que roubaram o lugar do saber. E nem a oficina dos tipógrafos será suficiente para tais males. Certo é que essa imbele doutrina que se nutre do ócio, floresce com prêmios e louvores, que não sustenta a veemência da opinião e se faz zombar pelos artificios e imposturas, é esmagada por aqueles impedimentos de que falei. Bem diferente é o procedimento da ciência, cuja dignidade é protegida pelas utilidades e obras.

Ademais, quase não me inquieto com as injúrias do tempo e verdadeiramente não me preocupo com as injúrias dos homens. Com efeito, se alguém disser que eu penso alto demais, respondo simplesmente que o lugar da modéstia é nos assuntos públicos, a contemplação é o da verdade. Se alguém exigir obras imediatas, digo sem nenhuma impostura que eu, um homem que não é velho, de pouca saúde, implicado nos negócios públicos, eu que enfrentei sem guia nem luz o mais obscuro de todos os assuntos, terei já conseguido o suficiente se chegar a construir a própria máquina e a fábrica, mesmo sem tê-la operado ou posto em funcionamento. E com o mesmo candor declaro que a legítima interpretação da natureza, na primeira ascensão, antes de ter chegado a um grau seguro de generalidades, deve conservar-se pura e afastada de toda aplicação às obras. Mais ainda, todos aqueles que deram algo de si às vagas da experiência, como fossem de ânimo

cupidi essent, in introitu operum pignora intempestive investigasse, et inde exturbatos et naufragos fuisse scio. Si quis autem pollicitationes saltem particulares requirat, is noverit homines per eam quæ nunc in usu est scientiam ne satis doctos ad optandum quidem esse. Quod autem minoris momenti res est, si quis ex politicis iudicium suum in istiusmodi re inserere præsumat, quibus moris est ex personæ calculis singula æstimare vel ex similis conatus exemplis conjecturam facere, illi dictum volo et illud vetus, claudum in via cursorem extra viam antevertere, et de exemplis non cogitandum, rem enim sine exemplo esse.

Publicandi autem ista ratio ea est, ut quæ ad ingeniorum correspondentias captandas et mentium areas purgandas pertinent, edantur in vulgus et per ora volitent; reliqua per manus tradantur cum electione et iudicio. Nec me latet usitatum et tritum esse impostorum artificum, ut quædam a vulgo secernant, nihilo iis ineptiis quas vulgo propinant meliora. Sed ego sine omni impostura ex providentia sana prospicio, ipsam interpretationis formulam et inventa per eandem, intra legitima et optata ingenia clausa, vegetiora et munitiora futura. Ipse vero alieno periculo ista molior. Mihi enim nil eorum quæ ab externis pendent cordi est. Neque enim famæ auceps sum, nec hæresiarcharum more sectam condere gratum habeo, et privatum aliquod emolumentum ex tanta molitione captare ridiculum et turpe duco. Mihi sufficit meriti conscientia, et ipsa illa rerum effectio, cui ne fortuna ipsa intercedere possit.

pouco firme ou desejosos de ostentação, logo de início procuraram intempestivamente as garantias das obras e com isso, sei, destruíram-se e naufragaram. Já se alguém requerer ao menos promessas particulares, virá a saber que os homens, por esta ciência que ora está em uso, não são sequer doutos o suficiente para desejá-lo. Pois bem, é algo de menor importância se alguém pretender dar seu juízo em questões desse tipo segundo os assuntos políticos, em que é costume estimar cada coisa por cálculos pessoais ou fazer conjectura a partir dos exemplos de tentativas semelhantes; a esse quero recordar aquele velho dito: um coxo no caminho chega antes que um corredor fora do caminho, e não vem ao caso pensar em exemplos, pois é coisa sem exemplo.

E esta é a razão de publicar: que se difunda entre o vulgo e corra de boca em boca tudo que leve a estabelecer relações entre os engenhos e a purgar as mentes³; o restante será transmitido de mão em mão com discernimento e juízo. E não me é segredo o usitado e batido artifício dos impostores, que escondem do vulgo certas coisas em nada melhores do que as tolices que ao vulgo ofertam. Mas eu, sem nenhuma impostura e com sensata previdência, antevejo que a própria fórmula da interpretação e as coisas através dela descobertas serão mais profícuas e seguras se reservadas a engenhos legítimos e seletos. Em verdade, eu próprio movimento o que outros experimentarão⁴. Com efeito, não estimo de coração nada daquilo que depende das coisas exteriores. Não sou um caçador de fama nem tenho a intenção de fundar uma seita, à maneira dos heréticos, e reputo ridículo e torpe tirar vantagem privada de tanta movimentação. Para mim é suficiente a consciência do mérito e a própria realização dessas coisas em que nem a própria fortuna possa interferir.

NOTAS:

1. No original, *inventio*. A tradução dos termos latinos *invenire* e *inventio* é particularmente complicada nos textos baconianos, tanto por sua polissemia quanto pela importância que assumem (o *Novo órganon* é uma *logica inveniendi*, há o constante louvor das *inventiones*, etc.). Na língua clássica, o verbo *invenire* possuía o sentido prioritário de “encontrar”, e foi dessa forma que *inventio* passou a designar na retórica a arte de encontrar lugares comuns para a formulação de argumentos. No latim tardio, contudo, o mesmo verbo já possuía também o sentido de “descobrir” e às vezes mesmo de “inventar”, como no seu correlato português. Assim, há uma primeira distinção a fazer, a qual é claramente formulada por Bacon: “A *inventio* dos argumentos não é propriamente uma *inventio*. Com efeito, *invenire* é encontrar algo desconhecido, não retomar ou lembrar algo já conhecido” (*De augmentis scientiarum*, V, 2). Haverá, porém, uma segunda distinção: aquela entre *invenire* algo já existente antes mesmo da *inventio* (por ex., *India occidentales... nobis inventa*) e *invenire* algo que só passa a existir com a *inventio* (por ex., *inventio operum, inventio scientiarum*). Enfim, optamos por verter *invenire, inventio* por “descobrir”, “descoberta”. Estes termos portugueses nos parecem, por um lado, afastar o sentido retórico descartado por Bacon; por outro, são tão ambíguos quanto os originais latinos: descobre-se um continente já existente bem como se descobre uma técnica até então inexistente.

2. Esclarecedora nota de Paolo Rossi: “Depois da tentativa de ataque às costas britânicas efetuada pela frota espanhola em 1588, que resultara num desastre para Felipe II, a iniciativa passara às forças inglesas, que em 1595 haviam atacado e saqueado o porto de Cádiz. O grande império espanhol, sob a aparência de uma extraordinária potência, trazia já em si os germes da dissolução: a própria amplitude dos seus domínios acaba por exaurir toda energia produtiva; o usufruto das colônias, realizado com base numa política ávida e atrasada, é para a Espanha fonte de decadência: eis o sentido da expressão baconiana.”

3. No original, *ad mentium areas purgandas*. Literalmente: limpar as superfícies, as arenas das mentes.

4. No original, *Ipse vero alieno periculo ista molior*. Esta frase, devido à sua concisão, presta-se a várias interpretações; seguimos a sugestão de Paolo Rossi, que em particular lê *periculum* no sentido de “experimento”.

RESENHA: ARTE E IMANÊNCIA: UM BOM ENCONTRO ENTRE ESPINOSA E VERMEER

Marcos Ferreira de Paula*

Resumo: Resenha do livro *Espinosa e Vermeer: imanência na filosofia e na pintura*, de Sara Hornäk, publicado no Brasil, em 2010, pela editora Paulus.

Palavras-chave: arte, imanência, imaginação, eternidade.

Sobre arte, Espinosa nos fala muito pouco. O termo, com o sentido estético que costumamos lhe atribuir, ocorre poucas vezes em toda a sua obra. Não é por acaso. No século XVII *arte* ainda conserva o sentido de um ofício específico, embora, como se sabe, o conceito de já arte estivesse em transformação desde o Renascimento, quando então ela tornou-se definitivamente inseparável das noções de beleza, estilo e originalidade, caminhando cada vez mais, sobretudo a partir do século XVIII, em direção ao sentido estético contemporâneo que hoje conhecemos. A arte no tempo de Espinosa não está longe, portanto, dos valores da contemplação e dos prazeres estéticos, mas é certamente menos importante a presença seja do artista ou do expectador que se situam num campo artístico sem pretender avançar para além de seus limites propriamente estéticos. Espinosa, por exemplo, situa as ciências e as artes no rol de todas as atividades humanas (e coletivas) que são necessárias ao aperfeiçoamento da “natureza humana” e à conquista da “beatitude”. A arte não se separa, para ele, de sua utilidade

* Professor de filosofia do Curso de *Serviço Social* da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).